

LEE, Joel M. & HAMILTON, Beth A., ed. *As much to learn as to teach; essays in honor of Lester Asheim*. Hamden, Conn., Linnet Books, 1979. 273 p.

Nascido em Washington, Lester Asheim graduou-se em Biblioteconomia-pela Universidade daquele Estado, onde também obteve o grau de Mestre em Literatura Americana. Em 1946 ele matriculou-se na Graduate Library School da Universidade de Chicago, lá obtendo, em 1949, o Ph. D. em Biblioteconomia, com uma tese sobre este assunto fascinante: *From the book to the film: a comparative analysis of the content of novels and the films based upon them*.

Durante os vinte e nove anos que passou na Universidade de Chicago, Lester Asheim foi aluno de pós-graduação, deão de estudantes, professor assistente e diretor, durante nove anos e meio, da escola pela qual se doutorou. De 1961 a 1966 ele dirigiu o Escritório de Relações Internacionais da American Library Association, visitando, durante esse período, quarenta e quatro países do chamado Terceiro Mundo. Dessa sua experiência resultou uma das mais esclarecidas obras sobre a matéria: *Librarianship in the developing countries* (University of Illinois Press, 1966).

Não foi este o seu primeiro livro, pois mais de dez anos antes Asheim já havia publicado, como autor ou editor, entre outras obras, *A forum on the public library* (Columbia University Press, 1950), *The core of education for librarianship* (A.L.A., 1954), *The future of the book* (University of Chicago Press, 1955), *The Humanities and the library* (A.L.A., 1957), *New directions in public library development* (University of Chicago Press, 1957), *Persistent issues in American Librarianship* (University of Chicago Press, 1961), além de muitos artigos e recensões. Desde 1975 ele é William Rand Kenan Jr. Professor of Library Science na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill.

Como se vê por esse pequeno resumo biobibliográfico, a homenagem prestada a Lester Asheim com a publicação da *Festschrift* supra referenciada é muito justa. Seus organizadores salientam no prefácio "o papel excepcional" desempenhado por ele nos Estados Unidos: papel que o transformou num "modelo para todos os bibliotecários" (p. 9).

Além de biografia e bibliografia de Lester Asheim e de apreciações sobre ele, a obra inclui estudos sobre vários assuntos, como, por exemplo, um sobre os bibliotecários e o processo político (p. 83-89), outro (importantíssimo!) sobre o papel da biblioteca pública na educação de adultos (p. 94-116), dois sobre formação de bibliotecários, o primeiro dos quais de caráter comparativo (p. 128-176 e 177-202), um sobre bibliotecas universitárias (p. 203-216) e um sobre a bibliografia respeitante à biblioteconomia internacional e comparada (p. 217-235). Trata-se, portanto, de obra coletiva do mais amplo e variado espectro temático.

EDSON NERY DA FONSECA

Universidade de Brasília

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979. 234 p. (Biblioteca universitária de literatura brasileira. Sér. A: Ensaio, crítica, história literária, 6).

Roger Bastide foi muito feliz ao caracterizar o Brasil como *país de contrastes*. Com sua aguda inteligência, o sociólogo francês percebeu que os contrastes por ele pessoalmente

te constatados, em viagens que fez por todo o nosso território, remontam, em grande parte, ao período colonial. Nosso país já nasceu sob este signo de contradição: sendo um fruto do Renascimento, começou a existir como se a Idade Média não houvesse terminado. Em sua *História da inteligência brasileira* (São Paulo, Cultrix, 1976–79), Wilson Martins define magistralmente nossa contradição inicial com esta observação: “A cronologia real desmente a cronologia aparente e o Brasil do século XVI é, do ponto de vista intelectual, uma entidade pré-renascentista” (v. 1, p. 17). Eis porque Rubens Borba de Moraes começa este seu mais recente livro com um capítulo intitulado “A Idade Média Brasileira” (p. 1–2).

Que livros foram trazidos para o Brasil pelos primeiros colonizadores? Quais as primeiras bibliotecas? Quando se começou a imprimir e a vender livros? São perguntas para as quais somente um ou outro pesquisador encontrou até agora respostas convincentes. Na monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, o Padre Serafim Leite S.J. respondeu a várias, não se alongando na matéria por não ter sido este seu objetivo.

Com “faro” de pesquisador e honestidade histórica, Rubens Borba de Moraes encontrou uma série de indícios, documentos e informações que lhe permitiram esclarecer muitas dúvidas. Sua obra tem como espígrafe estas palavras de Lucien Febvre: “L'historien n'est pas celui qui sait. Il est celui qui cherche”. Eu o imaginei escrevendo-a “in tranquillity”, que foi como Wordsworth, prefaciando suas *Lyrical Ballads*, definiu poesia: “emotion recollected in tranquillity”. Para os historiadores autênticos, como Rubens Borba de Moraes, a história é informação e documentação recolhida “in tranquillity”, isto é, sem a ênfase ou a deformação dos pesquisadores inidôneos.

Lamento que ao tratar da gravura no Brasil o autor não tenha aproveitado as pesquisas de Orlando da Costa Ferreira, cuja notável obra *Imagem e Letra* (São Paulo, Melhoramentos, 1976) não cita, evidentemente por desconhecê-la. Trata-se, porém, de um estudo exaustivo e tão admiravelmente bem escrito quanto bem editado, sobre o advento e os progressos da imagem gravada no Brasil. Não há motivo, portanto, para a melancólica observação de que “bem pouco se sabe sobre a arte da gravura no Brasil colonial” (p. 98). Orlando da Costa Ferreira — bibliotecário, pesquisador e admirável escritor, infelizmente já morto — sabia tudo sobre a matéria e sua obra é uma prova disso.

Outra omissão que não entendo é a de meu estudo “Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil”, publicado pela *Revista do Livro* (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, volume 5, páginas 95–124, março de 1957). Não porque seja meu, mas porque nele foi pela primeira vez salientada a importância do *Plano para o estabelecimento de uma biblioteca pública na cidade de S. Salvador*, de Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, cujo original reproduzi com base no exemplar da Biblioteca Nacional, um dos dois únicos existentes no mundo, pertencendo o outro ao feliz bibliófilo que é Rubens Borba de Moraes. Ele dedica todo um capítulo à Biblioteca Pública da Bahia, o que também faço em livro a sair brevemente, pela Editora Tempo Brasileiro: *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. No referido livro, sugiro que ao planejar a Biblioteca Pública, Pedro Gomes Ferrão Castello Branco inspirou-se na Philadelphia Library Company, fundada por Benjamin Franklin em 1732 e ainda hoje existente. Ambas foram bibliotecas públicas de subscrição popular.

Ouso também discordar de duas afirmações do autor: a de que “não existe, infelizmente, nenhum livro sobre nossa *Aufklärung*, nosso *Enlightenment*, nem sequer uma palavra aceita para traduzir esse movimento de idéias” (p. 70, nota número 1). Existem, sim, alguns livros sobre nosso *Enlightenment* (cuja grafia errada é um dos inúmeros erros de re-

visão que a editora Livros Técnicos e Científicos deixou escapar), como, por exemplo, o de Roque Spencer Maciel de Barros *A Ilustração brasileira e a idéia de universidade* (São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1959) e a obra coletiva *Latin America and the Enlightenment*, organizada por Arthur P. Whitaker (Thaca, N.Y., Great Seal Books, 1961), além de estudos e artigos, um dos quais o próprio Borba de Moraes cita em nota de rodapé à página 11: o de Manoel Cardozo sobre "Azeredo Coutinho e o fermento intelectual de sua época". Em meu artigo "A biblioteca e o bibliotecário segundo Azeredo Coutinho" (*Arquivos*, Recife, Nova Série, nº 1, p. 107-113, dezembro de 1976), indico vários outros. O referido movimento de idéias — esta é a segunda afirmação de que discordo — é indicado, em nossa língua, tanto pela palavra *Ilustração* como pela palavra *Iluminismo* (cf., por exemplo, *Enciclopédia Delta Larousse*, v. 6, p. 3472-3473, *Enciclopédia Mirador Internacional*, v. 11, p. 5980 e o recentíssimo *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*, p. 450).

Estes comentários, evidentemente, não diminuem o valor desta obra, que veio realmente — é impossível evitar o lugar-comum — preencher uma lacuna. Ela corresponde, no Brasil, à obra que F. Machlup publicou sobre os Estados Unidos, com um título muito menos humilde que o de Rubens Borba de Moraes: *The production and distribution of knowledge in the United States* (University of Princeton Press, 1962).

EDSON NERY DA FONSECA  
Universidade de Brasília

LANCASTER, Frederic Wilfred. *The measurement and evaluation of library services*. Washington D.C. Information Resources Press, 1977. 395 p.

A avaliação de serviços bibliotecários tem sido nos últimos 10 anos objeto de muitos estudos teóricos e práticos. O interesse surgiu em decorrência da notada carência de recursos financeiros e da necessidade de se justificar a importância desses serviços perante as agências financiadoras. Avaliar é, portanto, tarefa complexa que requer antes de tudo uma "atitude para avaliação", alcançada através da conscientização do valor desta etapa do processo de planejamento, como meio capaz de detectar falhas, verificar o alcance e a qualidade dos resultados, sugerir alternativas, e re-alimentar o sistema com novos insumos para que os produtos sejam capazes de cada vez mais satisfazer à demanda.

Lancaster procurou sintetizar em sua obra as mais recentes abordagens, estudos e pesquisas no campo da avaliação e que estão sendo desenvolvidos não só para serviços bibliotecários automatizados, mas também para aqueles que operam em moldes tradicionais. A obra é portanto bastante abrangente, onde o tema explorado de modo crítico, através de revisões de literatura, é desenvolvido de forma muito didática. Nos 14 capítulos que compõem a obra nota-se uma ênfase à avaliação de serviços para o público, embora a avaliação de serviços técnicos seja tratada com relativa profundidade. O capítulo destinado à utilização de padrões como medida para avaliação, apesar de sucinto e introdutório, já demonstra a importância, dada pelo autor, a este tema atualmente tão controverso.

A obra é riquíssima em citações bibliográficas, o que não podia deixar de acontecer, devido ao seu caráter eminentemente analítico da literatura especializada.

O autor analisa entre outros, os estudos e as experiências em uso do catálogo, avalia-